

VELOSO, F. F.; PAULA, L. M. F. de. Panorama do aleitamento materno em uma cidade do Sul de Minas Gerais. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA FAPEMIG, VI, 2016, Itajubá. **Anais...** Itajubá: EEWB, 2016.

Luana Maiara Fortes de Paula¹
Fabiana Ferreira Veloso²
Ivandira Anselmo Ribeiro Simões³
Giseli Mendes Rennó⁴
José Vitor da Silva⁵
FAPEMIG⁶

O leite materno é o alimento mais completo recomendado, para lactantes de até seis meses de idade, pelos seus benefícios, garantindo o crescimento e desenvolvimento da criança. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) recomendam o aleitamento materno exclusivo desde o nascimento até os seis meses, e a manutenção da amamentação com alimentos complementares até dois anos de idade ou mais. Este estudo se definiu como descritivo, exploratório, de campo e transversal, foi desenvolvido a partir da abordagem quantitativa, tendo como objetivos identificar a prevalência do aleitamento materno em um município do sul de Minas Gerais, Brasil; caracterizar as mulheres entrevistadas em período de aleitamento materno; conhecer sobre a prática de amamentação das mulheres entrevistadas; investigar sobre as informações que a mãe possui sobre o aleitamento materno. O estudo teve como participantes as mães que tinham filhos que estavam no sexto mês até dois anos de idade. Os critérios de inclusão das participantes da pesquisa foram: ser mãe com filho na idade entre seis meses até dois anos; aceitar participar da pesquisa; ser maior de 18 anos. Foram excluídas as participantes que não estavam de acordo com os critérios de inclusão. A amostra foi de 201 mães que tenham filhos na idade de seis meses a dois anos. A amostragem foi do tipo não probabilística por conveniência. A coleta foi realizada durante as campanhas de vacinação no ano de 2014/2015 realizadas pelas Unidades Públicas de Saúde da cidade. Os dados da pesquisa foram coletados pelas pesquisadoras desse estudo, por meio de um questionário com questões fechadas sobre aleitamento materno, elaborado pela Doutora Liane Marques Carrera, natural de Portugal, sendo o mesmo validado e autorizado, e foi modificado de acordo com nossos objetivos. Por ser um questionário de Portugal, este instrumento passou por dois processos, primeiramente foi realizado um Grupo Focal e por fim, com as modificações feitas

¹ Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação Científica. Discente do 9º período do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB, Itajubá, Minas Gerais, Brasil. E-mail: luana.m.fortes@hotmail.com

² Discentes do 9º período do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB, Itajubá, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fabianaferreiraveloso@hotmail.com

³ Orientadora. Mestre em Bioética pela Universidade do Vale do Sapucaí de Pouso Alegre, Minas Gerais. Docente da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB. Itajubá - Minas Gerais. Brasil. E-mail: ivandiraanselmors@hotmail.com

⁴ Coorientadora: Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Docente da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB. Itajubá - Minas Gerais. Brasil. E-mail: giselirenno@hotmail.com

⁵ Coorientador. Pós-doutorado pela Faculdade de Medicina da USP. São Paulo. Docente na Escola de Enfermagem Wenceslau Braz, EEWB. Itajubá - Minas Gerais. Brasil. Área de Enfermagem, com ênfase em Gerontologia. E-mail: enfjvitorsilva@oi.com.br

⁶ Fonte Financiadora

pelo grupo focal, o instrumento passou pela adaptação semântica e cultural e conceitual, no qual o corpo de juizes foi composto por três docentes e não houve modificações das questões. Os participantes foram escolhidos por conveniência e aceitaram participar da pesquisa. O questionário contempla informações como: caracterização das participantes, última gravidez, informações sobre o aleitamento materno, prática da amamentação e dificuldades durante a amamentação. A média de idade do último filho (em meses) foi de 12,87. Sobre a prática de amamentação, 58,70% das mães estão amamentando atualmente; das que não amamentam mais, interromperam no 1º ao 3º mês, 44,44% foram aconselhadas pelo (a) Pediatra a introduzir outro leite; 56,71% amamentaram pela primeira vez durante a primeira hora de vida do bebê; 89,55% tiveram ajuda na primeira mamada, dessas que tiveram ajuda 75,62% foram auxiliadas por um enfermeiro (a); 44,27% das mães afirmaram que não foi dado nenhum leite para seu filho no hospital; das mães que disseram que foi dado outro leite para seu filho no hospital, 27,86% afirmaram que foi utilizado o copo para administração do leite; 55,22% responderam que ofereceram chupeta ao bebê na maternidade; 97,51% sabem identificar se o bebê está mamando corretamente e a informação certa mais selecionada pelas mães foi “O bebê pega quase toda parte escura da mama” com 97,01%; quanto ao intervalo entre as amamentações 68% responderam que ofereciam a mama ao bebê quando ele (a) tinha fome; 97,51% afirmaram que cuidam ou cuidavam de suas mamas durante o período de amamentação e a forma de cuidado com maior prevalência foi a de “lavar sempre a mama”. Quanto às dificuldades durante a amamentação, 28,35% afirmaram ter “Fissuras nos mamilos” durante o período que estavam amamentando. Discutiu-se então que das 47,56% mães que deixaram de amamentar entre o 1º e o 3º mês de vida do lactente, alegou-se “acabou meu leite” e “não tive leite”. Uma das queixas mais comuns para justificar a complementação precoce é a alegação de “pouco leite”. Esta crença, muitas vezes, deve-se ao fato de as mães se sentirem inseguras quanto à sua capacidade de produzir leite no volume adequado para a criança. A oferta de líquidos (água, chá, suco e etc.) juntamente com o aleitamento materno antes dos seis meses, mesmo que esporádica pode resultar em diminuição do consumo do leite materno e por consequência há menor extração e produção de leite, contribuindo para o desmame precoce, menor ganho ponderal da criança, maior risco de ocorrência de diarreias, entre outros. A amamentação logo após o parto proporciona nutrientes fundamentais, protege os recém-nascidos de doenças fatais e estimula o crescimento e o desenvolvimento. O aleitamento materno na primeira hora de vida é importante tanto para o bebê quanto para a mãe, pois, auxilia nas contrações uterinas, diminuindo o risco de hemorragia. E, além das questões de saúde, a amamentação fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho. Quanto ao profissional, a enfermeira é uma profissional habilitada e com competência técnica e científica para prestações de assistência mais capacitada e humanizada, realizando um atendimento de forma integrada não só em relação ao paciente, mas também a sua família e a comunidade. É importante o fato de 24,87% das participantes, não terem a informação sobre a oferta ou não do leite, demonstrando que muitas vezes a decisão de ofertar ou não o complemento é discutida ou comunicada aos pais. Portanto, o uso de complementos nas maternidades ainda é uma rotina, contrariando as recomendações de somente usar mediante evidências claras de sua necessidade. O copo é sugerido como um mecanismo de alimentação alternativo que não invade a cavidade oral, evitando a confusão de bicos e diminuindo o índice de desmame precoce. Quanto às dificuldades durante a amamentação as fissura

ocorrem quando o posicionamento ou a pega estão errados. Para evitar as fissuras é ideal manter os seios enxutos; evitar que os seios fiquem muito cheios ou doloridos; e posicionar o bebê corretamente. Contudo pode-se perceber que existe um trabalho voltado para orientações destinadas as mulheres que amamentam, mas é importante ressaltar que alguns aspectos precisam ser melhorados. Apesar do conhecimento adquirido pela mulher em relação ao tempo de aleitamento materno exclusivo há um déficit no que se refere ao aleitamento materno misto, onde mostra que a assistência prestada pelo profissional de saúde em relação ao aleitamento materno precisa ser reforçada. Não se pode afirmar falta de conhecimento das mães participantes do estudo, porém observa-se que as mães que estavam amamentando deixaram a pratica , na sua maioria, antes do terceiro mês da criança, e entre as justificativas predominantes vemos “não tive leite” ou “meu leite acabou”, o que é encontrado como mito dentro da literatura. Neste contexto ganha relevância a educação permanente e continuada do profissional de saúde, cujo objetivo maior é estruturar a capacitação dos mesmos para a resolução dos problemas existentes. Sugerimos novas pesquisas voltadas para a caracterização e prevalência do aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade da criança, avaliando assim as orientações recebidas pelos profissionais de saúde e a prática no decorrer na vida das nutrizes.

Palavras-chave: Aleitamento Materno. Leite Humano. Cuidados de Enfermagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da saúde. Saúde da criança: Nutrição Infantil Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <

_____. Promovendo o Aleitamento Materno. **Álbum Seriado**, Brasília, DF, 2007, Disponível em: <<http://www.redeblh.fiocruz.br/media/albam.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

CAMPOS, A. M. de S. et al. Prática de aleitamento materno exclusivo informado pela mãe e oferta de líquidos aos seus filhos. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 283-290, mar./abr. 2015.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Aleitamento materno na primeira hora depois do parto pode reduzir a mortalidade infantil**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/media_9993.htm>. Acesso em: 12 abr. 2016.

LEITE, A. G. Z. Banco de leite. In: FEFERBAUM, R.; SILVA, A. P. A. da ; MARCO, D. **Nutrição enteral em pediatria**. São Caetano do Sul: Yendis, 2012. cap. 3.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; PRIORE, S. E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a15v16n5.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

VARGAS, C. L. et al. Influência do uso do copo ou mamadeira durante a transição alimentar de recém-nascidos pré-termo sobre o sistema estomatognático e as taxas de aleitamento materno. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 327-336, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/15166/14650>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

WILSON, D. Promoção da Saúde do Lactente e da Família. In: HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. **Wong, fundamentos de enfermagem pediátrica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. cap. 10.